

São Paulo, domingo, 30 de novembro de 2008

FOLHA DE S.PAULO **saúde**[Próximo Texto](#) | [Índice](#)

Três vezes cobaia de pesquisa clínica

O empresário Eduardo Marafanti, 56, explica por que topa participar de testes de novos medicamentos

Patrícia Stavis/Folha Imagem



Eduardo Marafanti, que tem leucemia mielóide crônica, hoje sob controle

IARA BIDERMAN
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

"Afogado se agarra até em navalha. Quando chega a última coisa que você pode fazer, não vai tentar?" Basicamente, é assim que o empresário Eduardo Marafanti, 56, explica por que, pela terceira vez, é "cobaia" de uma pesquisa clínica (investigação científica sobre medicamento ou procedimento envolvendo seres humanos).

Pessoalmente, não se considera cobaia, mas não liga se for chamado assim. "Se você tem uma doença que vai te matar em pouco tempo e te falam: "Quer ser cobaia de uma droga que pode ter efeito?", você vai pensar "ah, cobaia, eu não?" "

Quando Eduardo recebeu o diagnóstico de leucemia mielóide crônica, em 1998, o médico lhe disse que teria apenas mais um ano de vida.

No final de 1999, soube que um médico americano, Brian Druker, estava realizando uma pesquisa clínica com um novo medicamento para leucemia que parecia bastante promissor. "Descobri que o estudo era em Portland (EUA). Fui para lá e perguntei se podia participar. É tudo muito rigoroso. Eu assinei um documento com o laboratório que financiava a pesquisa, outro com o hospital e outro com o governo americano. Você assina que participa de livre e espontânea vontade e que, se você morrer, não é responsabilidade de nenhum deles."

Quando ele encontrou o responsável pela pesquisa, em 2000, descobriu que, das 200 vagas para voluntários, já havia 199 preenchidas. Foi o último a entrar e o primeiro brasileiro do grupo. O médico pediu a Eduardo que entrasse no estudo em uma semana e que suspendesse os medicamentos que estava tomando. "Isso eu fingi que não entendi. Tive medo de ficar sem o remédio, então não parei."

Por causa disso, Eduardo esperou mais quatro dias, dessa vez sem nenhum medicamento, para poder iniciar os testes.

Para entrar no protocolo, o paciente precisa preencher alguns requisitos. Eduardo conta que, na pesquisa em que entrou, não havia grandes restrições, apenas ter o perfil da doença. "Eu podia continuar bebendo um bom vinho, fumar meu charuto. O que precisava era fazer os exames e tomar o remédio duas vezes por dia."

Após dois anos tomando o novo medicamento, embora não estivesse curado, estava com a leucemia praticamente zerada. Nessa época, por sugestão do médico, colheu células-tronco da própria medula, para uma eventual necessidade.

Durante os cinco anos em que participou da pesquisa, Eduardo afirma ter levado "vida normalíssima" - tirados os exames semanais do começo, que, com o tempo, tornaram-se mensais, trimestrais e, por fim, semestrais. Em 2005, o responsável pela pesquisa disse que ele estava ótimo, era um dos melhores casos do grupo. Porém, quando chegaram os resultados dos últimos exames, ele foi avisado de que estava com uma crise blástica complicada. "Uma pessoa normal tem até 5% de blastos na medula, eu estava com 90%. Isso mata em 15 dias", conta Eduardo, que viu o seu mundo cair.

Antes de desabar, encontrou mais uma "faca" para se agarrar. Uma nova pesquisa com medicamento estava começando e ele se candidatou. Como sua doença era compatível com a droga testada, podia ser "cobaia" mais uma vez. E ele descobriu que a pesquisa também seria feita no Brasil.

O protocolo para a pesquisa com a nova droga, mais potente, exigia ainda mais exames. "No começo, além do hemograma semanal, tinha de fazer um monte de eletrocardiograma." Suspeitava-se que o medicamento podia afetar o coração. E, sim, os participantes da pesquisa sabiam que seriam "cobaias" para avaliar esse efeito.

Eduardo conta que cada evento que acontece com algum dos pacientes é documentado, e os participantes assinam o documento declarando estarem cientes do ocorrido. "Quando acontece algo assim, a maioria [dos participantes] entra na fossa. Ficam inseguros, com mais medo de a pesquisa não dar certo."

Nessa pesquisa, Eduardo experimentou um efeito colateral do remédio. "Ele estava causando retenção de líquido e tive de tirar dois litros de água do pulmão direito. Mas para mim estava ótimo, porque o resto estava sob controle."

Seis meses depois, descontrolou. Em meados de 2007, ele teve outra crise blástica. Dessa vez, antes de testar mais um novo medicamento, Eduardo realizou um transplante de medula, com suas próprias células-tronco, que haviam sido recolhidas na fase em que a doença estava controlada.

A operação foi realizada em setembro de 2007. Dois meses depois, Eduardo começou a "testar" uma terceira droga. Esta já foi aprovada nos EUA, mas o laboratório continua acompanhando pois se trata de um remédio novo.

É a chamada "fase 4" da pesquisa clínica, quando é feito o acompanhamento para se conhecer melhor a segurança e a eficácia do medicamento.

"Eu já estou testando a terceira droga e, se aparecer algo novo, posso continuar trocando de remédio a cada três, quatro anos. Se tiver alguma pesquisa nova, avisa que eu participo, não tenho nenhum problema", afirma Eduardo.

Nesta semana, Eduardo fez os exames necessários e o hemograma está absolutamente normal. O mielograma (exame da medula óssea) mostrou mostrou menos de 1% de células leucêmicas, o que significa que ele não está curado da doença, mas que ela está sob ótimo controle.

Próximo Texto: [Frases](#)

[Índice](#)